

CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO CONECTOR AGORA QUE EM PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

CONSTRUCTIONALIZATION OF THE CONNECTOR AGORA QUE IN A FUNCTIONAL USE-CENTERED PERSPECTIVE

Francisco Clébio de Figueiredo¹
Telma Patrícia Nunes Chagas Almeida²
Rosângela Maria Bessa Vidal³

RESUMO: Neste artigo investigamos o processo de mudança linguística de *agora que* em perspectiva panchrônica e através da análise dos dados registramos sua mudança linguística para conector discursivo textual. Dão suporte às nossas discussões: Traugott (2008, 2010), Heine (2002), Goldberg (1995, 2006), Boas (2013), Bybee (1985, 2006, 2008, 2010), Langacker (1987), Croft (2001), Lakoff (1987), Hopper (2008), Votre (2012), Neves (2010, 2012, 2018), Martelotta (2003, 2008, 2011), Furtado da Cunha (2012), entre outros. O resultado desse processo, analisado pela óptica da construcionalização gramatical e dos pressupostos teóricos da LFCU, em diálogo com a Gramática de Construções. Metodologicamente, adotamos a pesquisa netnográfica, método de procedimento científico de comunidades *online*, neste trabalho, a rede social *Twitter*. Seleccionamos 100 amostras de *agora que* *twittadas* e que constituem o *corpus* deste trabalho. Elas apresentaram um deslizamento funcional em contextos específicos de comunicação em que agrega cognição, texto e uso. Com isso, as pressões pragmático-discursivas e o aumento das frequências *type* e *token* desse construto configuraram sua rota evolutiva de gramaticalização. Assim, o estudo de *agora que* nos contextos de uso evidenciou neónalises de forma morfossintática e significado semântico-pragmático que levaram à criação da microconstrução [*agora que conector textual*], um pareamento forma nova e significado novo.

Palavras-chave: Agora que. Construcionalização. Mudança linguística. Gramática de construção. LFCU.

ABSTRACT: In this article we investigate the process of linguistic change of *agora que* in panchronical perspective and through the analysis of the data we register his linguistic change for connector discursive textual. Supporting our discussions are: Traugott (2008, 2010), Heine (2002), Goldberg (1995, 2006), Boas (2013), Bybee (1985, 2006, 2008, 2010), Langacker (1987), Croft (2001), Lakoff (1987), Hopper (2008), Votre (2012), Neves (2010, 2012, 2018), Martelotta (2003, 2008, 2011); Furtado da Cunha (2012), among others. The result of this process, analyzed by the optics of the grammatical constructionalization and of the theoretical presuppositions of the LFCU, in dialog with the Grammar of Constructions. Methodologically, we adopted netnographic research, a method of scientific procedure of online communities, in this work, the social network *Twitter*. We selected 100 tweeted samples of *agora que* and that constitute the *corpus* this work.

¹ Doutorando em Letras (PPGL/UERN). Mestre em Letras (PPGL/UERN). Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, UERN e da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar, FACEP. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF). E-mail: clebiolima99@hotmail.com.

² - Doutoranda em Letras (PPGL/UERN). Mestra em Letras (PPGL/UERN). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF). E-mail: telmauern@gmail.com.

³Doutora em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Linguística Aplicada, no Programa de Pós - Graduação da UFRN. Professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rosangelavidal@uern.br.

They presented a functional slip in specific communication contexts in which they aggregate cognition, text and use. Thus, the pragmatic-discursive pressures and the increase in the type and token frequencies of this construct configured its evolutionary route of grammaticalization. Thus, the study of now that in the contexts of use evidenced neo analysis of morphosyntactic form and semantic-pragmatic meaning that led to the creation of micro construction [*agora que textual connector*], a pairing of new form and new meaning.

Keywords: Now that. Constructionalization. Linguistic change. Grammar of Construction. LFCU.

INTRODUÇÃO

Este trabalho denominado construcionalização do conector *agora que* em perspectiva funcional centrada no uso, se propõe a estudar as mudanças linguísticas que a língua sofre, destacando aqui, de maneira particular, a construção gramatical *agora que* e o seu deslizamento funcional para a categoria de conector textual discursivo, empregada em contextos de comunicação de mensagens publicadas na rede social *Twitter*, considerando os mecanismos pelos quais ela se processa, bem como de suas possíveis motivações e pressões de uso.

A pesquisa sobre o *agora que* se torna relevante por apresentar reflexões teóricas acerca dos fenômenos linguísticos em seu contexto efetivo de uso. Acreditamos que é necessário para o estudo da língua, proporcionar uma análise produtiva para o ensino de gramática, uma vez que neste trabalho destacamos a perda de sentido original, aqui compreendida como a função canônica descrita pelas gramáticas tradicionais de *agora* (advérbio) e *que* (conjunção). Nesta perspectiva em foco deste artigo, a perífrase construcional *agora que* recai no par forma-significado da construção como um todo. Ela assume em contextos discursivos as várias facetas de significações e, sobretudo, seus usos identificados a partir dos fatores morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

E, para responder as nossas inquietações, temos como objetivo geral investigar o processo de mudança linguística que fomenta a construcionalização de *agora que* como conector, considerando os estudos da gramática de construção, com base na LFCU, em abordagem pancrônica. O objetivo deste trabalho, convida-nos a uma reflexão produtiva desse tipo de construção *agora que*, que diferentemente de suas classificações leva em conta as diversas nuances de sentido que pode adquirir nas relações estabelecidas no interior das construções. Consideramos os seus usos empregados pelos usuários na rede social *Twitter* através de suas mensagens postadas, pois leva-nos a adotar nesta análise os

aspectos teóricos da semântica da construção e a semântica do próprio construto. Assim, neste estudo, não deixamos de destacar os fatores que motivaram seus diferentes usos, principalmente no contexto discursivo.

Em termos metodológicos, adotamos a netnografia, método de procedimento científico de pesquisa de comunidades *online*, no caso desse trabalho, a rede social *Twitter*. Este tipo de pesquisa procura apresentar, explicar e ilustrar detalhadamente uma determinada abordagem da conduta de etnografia de comunidades e culturas virtuais. Com esse contexto de pesquisa, privilegiamos as ocorrências de usos da construção gramatical *agora que* nas mensagens *Twittadas* pelos participantes dessa rede social, mas também os comentários dos seguidores desses mesmos participantes. A pesquisa netnográfica permite ao pesquisador adquirir uma compreensão detalhada a respeito do fenômeno pesquisado e fornece um senso da experiência vivida pelos membros da cultura virtual da comunidade *online*.

Os pressupostos teóricos adotados para esse estudo são da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, a Linguística Cognitivo-funcional, a Gramática de construção e a gramaticalização de construções. Na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU, ela mantém o pressuposto de que a língua emerge, regulariza-se e se modifica a partir dos usos a que serve nas diversas situações de interação comunicativa dos seus falantes. Dessa forma, decorre da presente compreensão a ideia de que o estudo dos fenômenos linguísticos deve estar, necessariamente, ancorado nesses usos conforme são destacados pelos teóricos Barlow e Kemmer (2000) e Bybee (2010) em suas pesquisas.

A LFCU é uma corrente teórica que vem sendo utilizada por vários pesquisadores brasileiros de renomadas universidades estaduais e federais do Brasil e vinculada principalmente ao grupo de estudos Discurso & Gramática. Essa teoria designa um paradigma de investigação linguística que, de certo modo, dá continuidade à tradição funcionalista norte-americana e, ao mesmo tempo, incorpora as contribuições da Linguística Cognitiva a suas análises, particularmente da Gramática de Construção.

A Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem que tem como perspectiva o conhecimento e esse conhecimento está conectado com a experiência humana no mundo. Por isso, estamos também abordando as unidades e as estruturas da linguagem não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, ou seja, da organização conceptual, de princípios de

categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual dos usuários da língua. Com isso, esses fatores direta ou indiretamente estão influenciando os falantes/escreventes no momento de uso da construção *agora que e*, por causa disso, a importância de destacarmos essa teoria nesse estudo.

As funções desempenhadas por *agora que* consistem num sistema simbólico de pares de forma-sentido e, em decorrência disso, a gramaticalização contribui para que as relações entre esses pares sejam efetivadas na dimensão contextual, considerando os aspectos gramaticais, uso e discurso. Por outro lado, ainda por meio dos dados da pesquisa, o caráter pancrônico do sistema linguístico e as questões discursivo-pragmáticas enfatizam a maneira como a perífrase *agora que* se desenvolve nos contextos das mensagens do *Twitter*.

Na sequência, descrevemos os passos metodológicos vivenciados durante a elaboração desse estudo, o referencial teórico, as análises e as (in)conclusões. Essas partes organizam a estrutura desse artigo.

METODOLOGIA

O desenvolvimento investigativo deste trabalho é motivado pelos aspectos sintático-semânticos e pragmático-discursivos da microconstrução *agora que* e sua multifuncionalidade. Nesse sentido, adotamos os pressupostos teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), prioritariamente o tratamento qualitativo, mas considerando a importância dos dados quantitativos para assegurar a legitimação da frequência de uso e o espraio multifuncional do construto em análise. Apoiamo-nos nos estudos cognitivo-funcionais de Traugott (2003, 2008a, 2008b, 2010a, 2012), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2004, 2010, 2013), Croft (2001, 2007, 2009) e Diewald (2006).

Dentro dessa perspectiva, destacamos os Modelos Baseados no Uso por Goldberg (1995, 2006), Bybee (1985, 2006, 2008, 2010), Langacker (1987), Croft e Cruse (2004), os quais têm como referência o princípio de que o conhecimento linguístico de um usuário da língua deve ser compreendido como uma rede de símbolos erguidos na cultura através do uso. Logo, apreender o real sentido desse conhecimento só é possível se o observarmos dentro das molduras que configuram o discurso efetivo de seus falantes e também o contexto de comunicação.

A pesquisa netnográfica⁴ é a adotada para esse trabalho. Ela se adapta aos procedimentos etnográficos comuns de observação participante às contingências peculiares da interação social mediada por computador: alteração, acessibilidade, anonimato e arquivamento. Os procedimentos metodológicos da netnografia segue seis passos: planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, adesão a padrões éticos e representação da pesquisa. Esses passos oferecem uma representação muito mais organizada e limpa do processo de estudo netnográfico. O uso do termo e abordagem da netnografia sinaliza não apenas a presença, mas o peso do componente *online*. Significaria que um tempo expressivo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura *online*.

Já em relação aos perfis dos usuários e de seus seguidores do *Twitter* em que encontramos em suas postagens de mensagens o uso da construção conectiva *agora que e* coletadas para a constituição do *corpus*, são perfis de autoridades civis, judiciária, celebridades, políticos, artistas, atrizes, atores, jornalistas, cineastas, anônimos e de pessoas comuns da sociedade em geral. A partir desses perfis e do conhecimento levantados sobre eles, não conseguimos determinar precisamente a faixa etária de idade, mas acreditamos que todos são de pessoas adultas, uma vez que devem assumir por inteira responsabilidade as postagens, os comentários e os compartilhamentos que realizam em sua rede social.

Com base nas postagens desses perfis e de seus seguidores, a frequência de uso da construção gramatical é um dos aspectos que favorece a mudança linguística. Trata-se de uma força ativa no desencadeamento das mudanças que ocorrem na gramaticalização, tanto fonológicas como morfológicas e semânticas. Nessa perspectiva, baseado em Bybee (2010), ela reconhece que na frequência *token* e na frequência *type* os dois modos de apurar os estudos linguísticos. Citando Lyons (1977), os termos *type* e *token* foram introduzidos nos estudos semânticos pelo filósofo Peirce e que a categorização deles é descrita em

⁴ Segundo Kozinets (2014, p. 61-62), a netnografia é uma pesquisa observacional participante baseada em trabalhos de campo *online*. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. Portanto, assim como praticamente toda etnografia, ela se estenderá, quase que de forma natural e orgânica, de uma base na observação participante para incluir outros elementos, como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados arquivais, análise de caso histórico estendida, videografia, técnicas projetivas como colagens, análise semiótica e uma série de outras técnicas, para agora também incluir a netnografia.

termos do processo de reconhecimento de padrões em que os fatores funcionais e os padrões de identificação convencionais apresentam grande importância.

Para tanto, na análise dos dados fizemos uma interpretação dos usos de *agora que*, considerando alguns aspectos concorrentes para a motivação de tais ocorrências:

a) os sintáticos, atinentes à ordenação dos itens pesquisados em função de sua colocação antes ou após o sintagma verbal, na definição do escopo dos advérbios e de sua categorização;

b) os semânticos, relativos à derivação de sentido pautada na trajetória espaço > tempo > texto, conforme preconizado pela teoria funcionalista;

c) os pragmáticos, que se referem às pressões de fatores de ordem textual, como o gênero discursivo e as sequências tipológicas, bem como outros de ordem externa, exercem na relação e frequência de tais usos.

d) os contextos atípicos, críticos e de isolamento, são responsáveis pelo reconhecimento da origem do *agora que*, analisando-o desde os primeiros contextos linguísticos que propiciaram seu surgimento – contexto atípico e contexto crítico (Diewald, 2006) –, as mudanças graduais, até o seu uso sincrônico como conector discursivo textual em contexto de isolamento (Diewald, 2006).

e) A construção e os seus níveis esquemáticos: *type* e *token*: Nas frequências *type* e *token* se referem à articulação do advérbio *agora* com a conjunção subordinativa *que*, podem ser relacionados ao processo de mudança de um modo geral e, sobretudo, no caso de gramaticalização, pois um item ou uma construção começa a ser utilizado com muita frequência em um determinado contexto.

As categorias de análises descritas acima, foram determinantes para a organização teórica do artigo e da análise das amostras. No entanto, fizemos um recorte destinado à análise, realçando os dados que foram organizados a partir dos contextos de mudança do conector discurso textual *agora que* e sua rota de gramaticalização em torno de sua construcionalização em contextos de uso. Assim, o foco deste estudo é nos aspectos morfossintáticos, semânticos e pragmático-discursivos de cada contexto atípico, crítico e de isolamento conforme apresentamos na análise dos dados.

A LINGUÍSTICA COGNITIVO-FUNCIONAL

A Linguística Cognitivo-Funcional, de acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), denomina-se uma vertente de estudos linguísticos mais recente, incrementada no Brasil a partir do século XXI, que compatibiliza em sua análise aspectos funcionais e aspectos cognitivos. Trata-se de um desdobramento do chamado funcionalismo clássico, iniciado na Costa Oeste dos Estados Unidos por volta dos anos 1970, a partir das contribuições de linguistas como Bolinger, Givón, Hopper, Heine, Thompson, entre outros.

O funcionalismo é uma abordagem de linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. Entretanto, as unidades e as estruturas da linguagem são estudadas não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. Ou seja, isso significa que os fenômenos de natureza cognitiva relacionados a linguagem estão relativos ao modo como nossa mente interage com o mundo que nos cerca.

Com isso, os usos linguísticos dessa natureza mostram-se extremamente dinâmicos e permeáveis às experiências dos sujeitos e de suas comunidades. Por sua vez, adotam uma perspectiva não modular, que preveem a atuação de princípios cognitivos gerais compartilhados pela linguagem e outras capacidades cognitivas, bem como a interação entre os módulos da linguagem, mais especificamente, entre a estrutura linguística e o conteúdo conceptual. Para tanto, descrever a riqueza desse multifacetado fenômeno - o funcionamento das línguas nos contextos comunicativos - as construções linguísticas dos falantes desempenham a finalidade de expressar o pensamento, elas se caracterizam pela estrutura maleável, sendo que a natureza das expressões linguísticas está associada intrinsecamente aos fenômenos discursivo-pragmáticos.

Nesse sentido, compreendemos a linguística cognitivo-funcional como uma concepção da linguagem humana enquanto um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática, e não como um sistema autônomo. Geeraerts (1995) faz o seguinte apontamento:

[...] Partindo da hipótese de que a linguagem se constitui a partir da capacidade cognitiva geral do ser humano, os seguintes aspectos adquirem especial

interesse para a área: a categorização nas línguas naturais [...] os princípios funcionais da organização linguística, tais como iconicidade e naturalidade; a interface conceptual entre sintaxe e semântica, nos moldes explorados pela Gramática Cognitiva e pela Gramática de Construções; a base experiencial e pragmática da língua em uso [...]. (GREERAERTS, 1995, p. III-112).

Na perspectiva do teórico, a linguagem procura compreender o modo como o comportamento linguístico reflete as capacidades cognitivas que estão ligadas ao processo de categorização, atribuindo importância às experiências de mundo e às culturais e, ao mesmo tempo, realizando uma interação entre gramática e discurso e, por conta disso e das peculiaridades discursivas, afirmamos que ela está continuamente em processo de mudança. Oliveira e Rosário (2016) ressaltam que a linguagem é uma atividade sociocultural e a sua estrutura está ligada com as funções cognitivas e comunicativas. Além disso, o paradigma do uso que a nossa capacidade tem de usar a língua é orientada por habilidades meramente cognitivas.

Desse modo, é evidente que nos estudos cognitivo-funcionais não deixamos de considerar o uso da língua em situações reais de comunicação, dando importância ao contexto, aos propósitos discursivos e pragmáticos e, sobretudo, à competência linguística do falante. A língua é vista como um sistema de uso especialmente com o intuito de atender as necessidades tanto cognitivas quanto comunicativas dos falantes. É, ainda, o estudo do significado e do uso de uma linguagem durante a interação (DILLINGER, 1991). Assim, compreendemos que a nossa experiência exerce uma função importante no modo como constituímos cognitivamente o nosso pensamento e, por isso, nós o estruturamos em níveis fonético, fonológico, morfológico, pragmático, semântico e sintático (FUMAUX; ALONSO; CEZARIO, 2017).

Para ressaltar, lembramos que esta teoria está ligada a estrutura linguística e seu uso, entendendo que estas estão atreladas aos eventos de uso, tanto em termos de memória e de aprendizagem quanto em termos de processamento entre a produção e a compreensão. Para a análise da estrutura linguística, ela desenvolve-se, pois, a partir dos processos cognitivos, em que alguns estão diretamente ligados com o uso da língua (por exemplo a categorização), outros aparentemente não tão ligados (por exemplo, a memória). Dessa forma, centralidade nesse uso significa perceber que os padrões da língua são generalizações adquiridas pela repetição dos usos em interações entre os interlocutores, suas produções e compreensões, formando-se redes similares compartilhadas que constroem o sistema linguístico dos falantes.

Sem necessariamente conceber um modelo cognitivista de gramática, o funcionalismo linguístico assenta, em geral, uma relação entre gramática e cognição, havendo, nos diversos modelos, diferenças quanto à concepção dessa relação, com possibilidade de posições extremas ou posições relativizadas. Recorremos com isso, a existência de uma correlação entre o “empacotamento” cognitivo e o “empacotamento” gramatical apontado por Givón (1991), em que o falante possui papel primordial na gramática, uma vez que ele modela seu discurso e, através das regularidades contidas nesse repertório de fala, observa uma estabilidade na língua. Por meio disso, o estabelecimento dessa estrutura origina, por sua vez, a gramática e, desta forma, enfatizamos não somente a importância da interação social dos falantes, mas também do contexto nos processos de significação de seus eventos comunicativos. Lembramos, pois, que os significados não devem ser considerados como elementos mentais únicos.

A linguística funcional, segundo Furtado da Cunha (2007, p.157), é assinalada como “a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. A autora destaca o funcionamento dessa estrutura gramatical através do interesse pela dimensão formal (fonético-fonológico e morfossintático) e a dimensão significativa (semântica, pragmática e discursiva). De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e interacionais que desempenham um papel crucial na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua. Sendo assim, a gramática da língua com base no uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais tem, necessariamente que considerar as situações reais de comunicações e os contextos que essas interações de comunicação se materializam conforme as intenções de cada falante.

A GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES

O termo *Construction Grammar* foi utilizado pela primeira vez por Fillmore *et al* (1988) em seus trabalhos sobre expressões idiomáticas. Na verdade, esse termo, refere-se a uma família de teorias, dentre as quais podemos citar: a Gramática Cognitiva (LANGACKER, 2008), a Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006), a Gramática de Construções Radical (CROFT, 1991, 2001, 2007; CROFT E CRUSE, 2004) e a Gramática de Palavras (HUDSON, 2007). Todas essas teorias, mesmo divergindo em alguns aspectos, compartilham de características fundamentais para este estudo. Nesse

sentido, a GrC está ancorada no fundamento de que “a unidade preliminar da gramática é a construção gramatical, que pode ser caracterizada por qualquer elemento formal diretamente associado a algum sentido, alguma função pragmática ou alguma estrutura informacional” (MARTELOTTA, 2011, p. 85).

Diante disso, o conceito de gramática de construções que, rompendo radicalmente com as tradições linguísticas formalistas, se firma neste estudo: a gramática de uma língua é uma rede de símbolos (construções) erguida na cultura através do uso (GOLDBERG, 1995, 2006; TOMASELLO, 2003). Enquanto rede, compreendemos que, ao contrário de formarem listas aleatórias, os símbolos – ao modo saussuriano de signo – vinculam através de elos decorrentes de nosso modo sociocognitivo de conhecer e expandir conhecimento (projeções, radialidade, herança, prototipia). Nesse sentido, rede é um feito, uma herança da cultura que se estabelece mediante o uso de símbolos, cuja produtividade e convencionalização lhes garante o estatuto de construção de uma língua.

Goldberg (2003, p. 219) sugere que “a totalidade do nosso conhecimento da língua é apreendida por uma rede de construções” e Croft (2007a, p. 463) identifica dois princípios fundamentais por trás da gramática de construções: (a) um pareamento de estrutura e significado complexos e (b) associação desses pareamentos em uma rede. Nesses princípios descritos por Croft, a língua é, portanto, concebida como uma rede de construções onde os significados dão de conta de construções que são mais lexicais e idiossincráticas, são mais gerais e mais funcionais, numa perspectiva escalar, gradual e de frequência, na medida em que os falantes fazem uso.

Diante disso, enfatizamos que o sentido de rede é rico em termos pragmáticos, discursivos, funcionais e sociais. Devido a isto, as construções unidades basilares das línguas, devem ser reconhecidas como entidades teóricas, não podendo mais ser marginalizadas. Sendo assim, falar uma língua é saber usá-la nos diferentes contextos de uso, de modo a atingir os seus propósitos comunicativos. Por outro lado, o conceito de construção, em si, também reflete a capacidade humana de associação transmodal por congregar forma e função, e a de memória rica, por armazenar uma gama de informações vinculadas às construções e a seus contextos de uso.

Dentro de seus objetivos básicos, a Gramática de Construções não se diferencia, substancialmente, de nenhuma teoria da gramática em que se busca encontrar a melhor maneira de representar todas as facetas do conhecimento linguístico dos falantes (BOAS,

2013), mas por outro lado, diferentemente de muitas outras abordagens, a Gramática de Construção considera as unidades linguísticas como associações particulares e indissociáveis entre forma e sentido, denominando-as construções. Com isso, o foco é desenvolver modos de refletir sobre a criação e a natureza das mudanças nas construções, entendidas como unidades simbólicas convencionais.

A noção de construção gramatical se apoia na de símbolo linguístico (SAUSURRE, editado em 1983), pois a construção é também um pareamento de forma (sintática e/ou fonética e fonológica) com significado (funções semântica, pragmática e discursiva). A novidade é que a teoria construcional considera que toda e qualquer unidade gramatical pode ser descrita como uma construção, incluindo morfemas ou palavras, idiomatismos, padrões frasais ou oracionais parcialmente ou totalmente preenchidos. Nesse sentido, a LFCU assumindo a construção como unidade básica da língua, um pareamento simbólico de forma e função, há a necessidade de um novo tratamento para explicar como as línguas mudam e como a gramática se organiza numa perspectiva sincrônica.

Com isso, sendo a construção a unidade básica da linguagem, a gramática, como expressão do conhecimento linguístico passa a ser, por consequência, o conjunto de todas as construções de uma determinada língua. Dessa forma, os construcionalistas deixam de pensar a gramática em termos de geração de sequências formais, para pensá-la em termos de um repertório de construções vinculadas radialmente por relação de herança, ou seja, a gramática de uma determinada língua é uma grande rede de construções, que abrange desde os níveis mais simples até os mais complexos.

A partir disso, a gramática de construção é inteiramente fundada nos usos discursivos, ela é um produto da atividade verbal e deve ser vista também como um fenômeno social. A gramática é, assim, um conjunto de padrões emergentes de mecanismos de ativação linguística e que tem como ponderação a variação e a descrição dos fenômenos da língua. Por isso, os dados provenientes do uso da língua são características dos modelos centrados no uso para a descrição e formulação da teoria, uma vez que esses dados são retirados de situações reais de comunicação e revelam usos linguísticos naturais. A língua em uso é a melhor evidência para determinar a natureza e a específica organização dos sistemas linguísticos conforme destaca Vidal (2009, p. 106) sobre a dinâmica dos valores semânticos dos advérbios “torna-se árduo denominar os

advérbios a partir de classes semânticas, pois como é evidente, o mesmo item pode integrar mais de uma classe”.

Goldberg (2006) ainda explica que as construções são pareamentos entre forma e função e, com base nisso, os níveis de análise gramatical envolvem construções, isto é, os pareamentos aprendidos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo também nesse grupo, os morfemas, as palavras e as expressões idiomáticas. No entanto, ela ilustra a funcionalidade dos morfemas como exemplo claro de construções que configuram esse pareamento de significado e forma. Além disso, para a autora:

[...] qualquer padrão linguístico é considerado como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente previsíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente. (GOLDBERG, 2006, p.5)

De acordo com a autora, podemos constatar que as construções não são apenas padrões linguísticos simplesmente descritos por aspectos morfossintáticos ou pelos aspectos semânticos presentes, a construção deve ser compreendida como um pareamento entre forma-significado e, por isso, a combinação dos seus aspectos não corresponde à soma dos significados de suas partes constituintes (GOLDBERG, 2006). Em outras palavras, não há separação nítida entre o léxico, possuidor de rica semântica, e a sintaxe, de semântica limitada, mas sim, uma sintaxe que, na verdade, não difere muito do léxico em termos semânticos. Sabendo disso, para a abordagem construcional, a análise linguística procura compreender o processamento cognitivo da língua em uso, pois tais usos, juntos e combinados formam correspondências expressas em pareamentos de forma e sentido.

De acordo com a LFCU, os usos linguísticos são resultantes de, pelo menos, três motivações maiores, advindas de diferentes instâncias: as estruturais, as cognitivas e as sócio-históricas. Cientes disso, devemos investigar a língua sob a ótica dessa perspectiva e levar em conta marcas dessas três instâncias citadas, sob um enfoque maior do contexto. Por conta de sua complexidade e amplitude de abordagem, as discussões acerca do que se define e de como se lida com o contexto, ganha hoje maior relevância na pesquisa que tem como orientação a LFCU. Com base no texto de Oliveira (2015) ainda não há um consenso geral sobre o domínio contextual, seus parâmetros e características em relação ao contexto e, por causa disso, a autora destaca duas propostas analíticas: a primeira,

focada na perspectiva da gramaticalização de construções e a segunda voltada para os ambientes originais de polissemia e conseqüente mudança linguística, os chamados contextos atípicos, críticos e de isolamento.

Para tanto, o contexto na compreensão da gramaticalização de construções está associado a interface funcionalismo-cognitivismo e tem contribuído significativamente no aspecto teórico-metodológico tanto na dimensão do sentido quanto da forma em pesquisas dos usos linguísticos. A partir dessa interface, reconhecemos a sua importância, pois, podemos incorporar e controlar a dimensão contextual. Ao assumir a língua como um sistema simbólico de pares de forma e sentido e a gramaticalização como a teoria das relações entre forma-sentido, deixamos claro que os impactos dos fatores contextuais exercem nas mudanças linguísticas um modelo integrador dos aspectos semânticos, morfológicos e estruturais na definição dos vários tipos de contextos presentes no processo de gramaticalização.

Além disso, estudar as mudanças na língua, significa analisar as transformações e alterações em todas as dimensões e, ao mesmo tempo, nos contextos em que se realizam. Desse modo, todo o processo cognitivo está atrelado não só ao contexto linguístico, mas também aos conhecimentos que são acionados no momento da interação pelos seus interlocutores, uma vez que os fenômenos cognitivos e discursivos são dinâmicos, refletem um no outro e interagem entre si em um evento particular de uso. Assim, na busca pela expressividade, os falantes utilizam novas formas de dizer para dar conta das suas necessidades comunicativas, podendo dessa forma, alterar ou estender o sentido ou ainda viabilizar mudanças na forma.

ANÁLISE DOS DADOS

Os estudos sobre as mudanças nos sistemas linguísticos têm sido referência de análises a partir de distintas correntes teóricas que visam a pesquisar a língua em sua constituição e função. Desse modo, com base no reconhecimento dos fenômenos linguísticos e nas mudanças linguísticas sofridas em seu contexto efetivo de uso, apresentamos algumas constatações de alterações sintático-semânticas da microconstrução *agora* advérbio em contexto atípico, assumindo a função discursivo-pragmática em contexto crítico. Depois disso, alcança o contexto de isolamento através da construção *agora que*, tornando-se conector discursivo textual, o que o caracteriza num uso inovador e em processo de expansão.

As amostras foram coletadas em publicações de mensagens de perfis de usuários da rede social *Twitter*, as quais apresentam um deslizamento funcional em contextos específicos de comunicações, são altamente intersubjetiva e conduzem o processo interlocutivo da microconstrução *agora que* entre os falantes por meio de uma abordagem construcional que agrega cognição, texto e uso. Em termos das relações contextuais, as motivações semânticas e formais internas à construção de pareamento de forma e sentido implicam na evidência que, a construção *agora que* é parcialmente esquemática e produtiva, uma vez que houve aumento da frequência de tipo e de ocorrência, cujos padrões sintático-semânticos e pragmático-discursivos se formaram em seus contextos de mudança linguística.

Assim, o estudo de *agora que* nos contextos de uso mais composicional (contexto atípico) ao menos composicional (contexto isolado) viabiliza o entendimento da microconstrução em instanciação de forma-função em suas diferentes neónalises, levaram-nos a constatação da existência da microconstrução [*agora que conector*], um pareamento forma nova e significado novo. A investigação objetiva-se no processo de mudança linguística que fomenta a construcionalização de *agora que* como conector, considerando os estudos da gramática de construção, com base na LFCU, em abordagem pancrônica.

Na linguística funcionalista, o papel dos usuários na construção da gramática é fundamental e, portanto, a análise parte do uso da língua. Dessa forma, no intuito de identificar nos contextos atípicos, críticos e de isolamento do conector *agora que* os estágios da rota evolutiva de mudança linguística, observamos o quanto a dimensão de uso dessa construção possibilita o seu espraiamento funcional em contextos diversos de comunicação e, especificamente, para esse contexto atípico constatamos uma configuração esquemática que consiste em instâncias representativas do primeiro passo de mudança dessa microconstrução conjuncional. Os negritos e itálicos utilizados são nossos.

Contexto atípico: agora + verbo + que + complemento⁵

⁵ Primeira configuração esquemática do processo de mudança linguística de *agora* (advérbio) e de *que* (conjunção) para a comprovação da construcionalização do conector *agora que*.

1. *Presidente Lula*

Mensagem 1: (01/06/2020). Volto a dizer: não dá pra aceitar a ideia de que o Bolsonaro é resultado de um processo amplamente democrático. Ele é resultado de um processo que se deu desde a cassação de uma presidenta sem crime. **Agora** perceberam **que** o troglodita que eles elegeram não deu certo.

Mensagem 2: (05/05/2020). Estou falando faz mais de um mês que o governo deveria imprimir dinheiro e alargar a sua base monetária. **Agora** vi **que** o Guedes começou finalmente a falar a mesma coisa.

Na amostra (1), mensagem 1 do ex-presidente Lula em sua rede social *Twitter*, no início de junho de 2020, observamos que o *agora* aparece posicionado antes do verbo *perceberam*, introduzindo uma marcação textual de tempo e fazendo referência a um contexto situacional da atualidade democrática brasileira, funcionando como um elemento de ligação de continuidade de sentido entre as orações presente na mensagem do Lula, ao passo que imprime uma relação de consequência ocasionada pela escolha do presidente Bolsonaro. A subordinação entre a estrutura do advérbio + verbo + conjunção estabelecida especificamente pelo *que*, apresenta além da marcação da transitividade do verbo na estrutura textual, como um todo, se encontra também submetida às pressões de informatividade do contexto linguístico maior no qual se insere, sendo este configurado na exposição opinativa do ex-presidente.

Na mensagem 2, encontramos mais uma ocorrência da construção em análise do contexto atípico. Nessa ocorrência, a natureza funcional entre *agora* e os elementos constituintes que estão interrelacionados na estrutura textual *vi* e *que*, colaboram para a sequencialização de sentido no enunciado estabelecido pelo ex-presidente Lula como também faz referência a uma ação passada já realizada pelo verbo *vi* e, a partir disso, a subordinação adverbial formada pelo advérbio *agora* e a conjunção *que* fomentam a integração de compatibilidade entre o significado do verbo e o significado da construção. Nesse sentido, a construção gramatical, implica, de imediato, em uma visão mais dinâmica e processual dos componentes da linguagem, evocando os termos destacados por Croft (2001) como centrais para estudar e pensar o fenômeno da linguagem – variação, arbitrariedade, dinamismo. E sublinhamos também o fato salientado por Godberg (2006) e Tomasello (2003) de que a linguagem é aprendida, construída, emerge pelo uso.

No entanto, o contexto crítico⁶ é o segundo estágio da rota de mudança construcional do conector discursivo textual *agora que*. Nesse contexto crítico, a microconstrução *agora que* passa a figurar outras relações semântico-pragmáticas, configurando um ambiente deflagrador do novo uso, mas preservado o estatuto categorial original (advérbio de tempo), embora seja maior a opacidade semântico-pragmática e estrutural dessa construção gramatical. Ainda realçamos que o contexto crítico é caracterizado pelo desencadeamento real da gramaticalização e está associado com uma construção altamente marcada. Assim, a perda da função temporal da construção *agora* passa a encabeçar um comportamento mais textual e multifuncional.

2. Petra Costa

Mensagem 1: (01/05/2020). **Agora que** está fora do governo, Moro está sendo difamado com fake news e recebendo ameaças. Elas são produzidas exatamente nos mesmos gabinetes que quando ele estava no governo e achava isso normal. A Polícia Federal, sob o comando de Moro, ignorava as denúncias. Agora é tarde.

3. Thomas Conti

Mensagem 1: (24/04/2020). Andamos muito desde o dia 27 de março. Em círculos, mas andamos. Só me dei conta **agora que** o Brasil deve ser o primeiro país na história da humanidade que o governo decreta calamidade pública e faz campanha por vida normal na mesma semana.

4. Manuela Davila

Mensagem 1: (10/06/2020). Isso pode ser especialmente importante **agora que** Vera foi promovida a apresentadora do programa no qual fui vítima daqueles ataques sórdidos.

Nessas ocorrências, a microconstrução conjuncional – MC *agora que* atua numa constituição enunciativa mais elaborada, funcionando em (2) e (3) como conector causal e em (4) conector temporal. A partir dessas ocorrências, percebemos o quanto a vinculação pragmático-discursiva é fortemente marcada nesses eventos comunicativos e

⁶ Segunda configuração esquemática do processo de mudança linguística de conector textual discursivo *agora que* (construção gramatical) para a comprovação da construcionalização de *agora que*.

essas instâncias de uso são base para a formação do sistema linguístico do falante, pois envolve a combinação de novas construções segundo o pareamento entre forma e significado. Sendo assim, nesse contexto crítico, a construcionalização de *agora que* como conector consiste na criação de um novo par forma-significado, revelando o caráter de gradualidade que caracteriza o seu processo de mudança.

Ainda nas amostras (2), (3) e (4) a MC *agora que* vai estabelecendo seu estilo de conector dentro dos aspectos textuais e discursivos da comunicação e, ao mesmo tempo, sua construcionalização está relacionada à neoanálise, a qual é compreendida pelos autores como a ocorrência de “pequenos passos em uma mudança construcional” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36). Isso enfatiza a ideia que já estamos defendendo: a mudança construcional afeta os subcomponentes de uma construção já existente, sejam eles constituintes da forma ou do significado. Logo, há a possibilidade de os elementos que compõem o esquema representativo do contexto crítico, preencherem posições variadas na organização textual.

O contexto de isolamento⁷ é o terceiro estágio para a rota de construcionalização de *agora que* como conector discursivo textual (CDT). Por este estágio, vale apenas lembrarmos que assim como procedemos nas análises dos contextos iniciais (atípico e crítico), os dados que apresentamos são retirados de textos escritos, de uso efetivo, haja vista que dentre as possíveis mudanças que afetam diacronicamente uma construção, é no nível do construto que se realizam, portanto, as neoanálises de forma e/ou de significados, fenômeno de grande importância para a construcionalização gramatical.

A instanciação a seguir evidencia o conector *agora que* em contexto de isolamento. Vejamos as amostras abaixo.

5. Ricardo Pereira

Mensagem 1: (25/06/2020). Toda a mídia que fingiu indignação com a frase do Ricardo Salles de que era preciso aproveitar a pandemia para passar a boiada finge **agora que** a MP do saneamento básico que privatiza a água não era parte da boiada.

⁷ Terceira configuração da rota esquemática do processo de mudança linguística de *agora que* para a comprovação da construcionalização de *agora que* como conector textual discursivo.

6. *Mírian Leitão*

Mensagem 1: (11/08/2021). **Agora que** o voto impresso foi enterrado, o que mais Bolsonaro vai inventar para atormentar o país?

7. *Eduardo Leite*

Mensagem 1: (11/08/2021). De manhã desfilaram os tanques. De noite desfilou a democracia. Polêmica vazia do voto impresso encerrada. **Agora que** tal tratar de vacina, inflação, desemprego e Amazônia?

Diferentemente do que observamos nos contextos atípicos e críticos, configurados como duas estruturas esquemáticas, *agora que* se encontra no nível esquemático zero, cujos espaços estão plenamente preenchidos. Nesse sentido, o fator subsequencial temporal entre a oração nuclear e a complementaridade enunciativa da mensagem *twittada* foi importante para identificarmos os contextos temporais que promovem a implicatura conversacional de valor semântico consecutivo nas amostras (5 e 7), de tempo em (6), ocasionando a mudança funcional, ao tornar convencional a nova função. Esta amostra reforça já o que havíamos apontado a respeito do contexto de isolamento em referência ao processo de gramaticalização, isto é, a reorganização e diferenciação dos formativos gramaticais e o paradigma, que é a categoria-alvo do processo de gramaticalização em curso. Nesta fase, o novo significado gramatical é isolado como um significado separado do mais antigo, mais lexical.

Por outro lado, compreendemos que a relevância da separação dos significados da microconstrução *agora que* é alcançada pelo desenvolvimento de contextos de isolamento para ambas as leituras, lexical e gramatical, ou seja, contextos linguísticos específicos que favorecem uma leitura excluindo a outra. Dessa forma, confirmamos o pressuposto de Traugott e Trousdale (2013), segundo o qual a analogização necessariamente envolve mudanças em micropassos, isto é, neoanálise. Assim, nos contextos de isolamento, estabelecemos que o processo de gramaticalização pode ser considerado completo, sem ser reversível a um estágio anterior. O novo significado gramatical não depende mais de implicatura conversacional, uma vez que o elemento linguístico em gramaticalização se tornou verdadeiramente polissêmico.

Essa constatação enriquece a análise dos contextos atípicos e críticos em que *agora que* emerge como conector a partir de relações de subordinação entre as orações onde *agora* articula com *que*. No entanto, na configuração como contexto isolado, o seu processo de construcionalização se materializa, ocorrendo mudanças na forma e na função dos elementos que compõem a microconstrução. Assim, compreendemos que este último contexto se correlaciona à rotinização, à perda de propriedades sintático-semânticas e ao aumento na frequência de uso da construção.

Desse modo, a microconstrução *agora que* passa a comportar-se de diferentes formas e funções, pois seus usos linguísticos são sempre tomados como estratégias comunicativas que materializam o pensamento comunicativo dos falantes nos contextos de interação social. Esse comportamento distinto da microconstrução amplia o seu grau de produtividade em seu uso efetivo e torna-se fonte básica para a mudança linguística. Por conseguinte, a produtividade é sensível a vários fatores como o tipo de texto, a modalidade falada ou escrita, o espaço e o tempo em que se dá a interação, entre outros. Logo, esses fatores são determinantes para os vários efeitos de sentido em função dos propósitos comunicativos a serem atingidos.

(IN)CONCLUSÃO

Neste trabalho, procuramos traçar, à luz dos aspectos teóricos da LFCU e da gramática de construção, um panorama do conector discursivo textual *agora que*, analisando sua rota de gramaticalização desde o contexto atípico, crítico e de isolamento como também os aspectos de mudança linguística identificados através das ocorrências coletadas nos perfis dos usuários do *Twitter* por meio das suas mensagens postadas. Realçamos a importância da pesquisa em virtude da escassez de literatura acerca dessa construção e comprovamos a necessidade de uma descrição do fenômeno linguístico, o qual possui considerável produtividade no Português Brasileiro Contemporâneo. Logo, os dados atestam que a microconstrução *agora que* é um uso inovador na Língua Portuguesa.

Através do objetivo desse artigo, percebemos o espriamento funcional da construção *agora que* para o nível semântico e pragmático-discursivo. Através da análise dos contextos de mudança, conseguimos validar a hipótese de que as mudanças

linguísticas da microconstrução aconteceram de forma gradativa em contextos de gramaticalização, nos quais pressões morfossintáticas, contextuais, pragmático-discursivas, extralinguísticas e metonímicas motivaram a neoanálise de *agora* e de *que* em seus usos composicionais. Ainda na análise desses dados, foram descritas as condições sintáticas, semânticas e pragmáticas que regem cada uma das ocorrências encontradas, focalizando a construcionalização de *agora que* através das relações (sintática, semântica e pragmática-discursiva) da linguística cognitiva-funcional no uso da construção.

Por meio dos contextos de mudanças, pudemos validar que os processos cognitivos apontados, juntamente com a frequência de uso, explicam a formação de novas construções dessa microconstrução. Também enfatizamos que o paradigma forma-função constituído pelos usos de *agora que* integra um cline cujos extremos vão de subjetivo à intersubjetivo, ou seja, inicia-se com a subjetividade do falante em modalizar seu discurso, até chegar a um estágio em que atua no nível interpessoal.

Por outro lado, no âmbito da rota de gramaticalização, constatamos que quanto mais composicional mais próxima à objetividade está a construção e quanto menos composicional mais intersubjetiva ela é. Considerando o pareamento forma-função de *agora que*, já com uso inovador de marcador discursivo textual e tomando como base os postulados de Croft (2001) e os parâmetros de análise de Traugott e Trousdale (2013), percebemos que a microconstrução *agora que* atua muito mais como um elemento de ordem gramatical que lexical. Embora essa microconstrução não apresente função sintática na constituição oracional básica, ela tem função discursiva.

Diante disso, concluímos que a formação de *agora que* resultou de um processo de neoanálise e de mudanças construcionais nos dois polos de seu pareamento forma-função, consistindo em um caso de construcionalização, ou, para sermos mais exatos, numa construcionalização discursiva textual.

REFERÊNCIA

BARLOW, M. KEMMER, S. (Eds.) **Usage-based models of language acquisition**. Stanford:CSLI Publications, 2000.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 233-254.

BYBEE, J. **Morphology: a study of the relation between meaning and form.** Amsterdam:Benjamins, 1985.

BYBEE, J. Mechanisms of Change in Grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (Eds). **The Handbook of Historical Linguistics.** Blackwell Publishing, 2004. Blackwell Reference. Disponível em: http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9781405127479_chunk_g978140512747921 Acesso em 05 de janeiro de 2021.

BYBEE, J. **From usage to grammar:** The mind's response to repetition. *Language*, v. 84, n. 4, p. 711-7333, 2006.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representations of constructions. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar.** Oxford/New York: Oxford University Press, 2013. p. 49-69.

CROFT, W. **Syntactic Categories and Grammatical Relations:** The Cognitive Organization of Information. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CROFT, W. **Radical Construction Grammar. Syntactic theory in typological perspective.** New York: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences**, ed. Patrick Hogan. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. (PDF)

CROFT, W. Connecting frames and constructions: a case study of 'eat' and 'feed'. **Constructions and frames**, vol. 1. n. 1, June 2009, p. 7-28.

CROFT, W. Construction grammar. **Handbook of Cognitive Linguistics.** Dirk Geeraerts and Hubert Cuyckens (Eds.). Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 463-508.

DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. **Constructions.** Cidade, SV 1-9, 2006.

DILLINGER, M. Forma e função na Linguística. In: **DELTA**, v. 7, n. 1, p. 397-407, São Paulo, 1991

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta.** Rio de Janeiro: Mauad/FAPERJ, 2013, p. 13-40.

- FUMAUX, N. C. A.; ALONSO, K. S.; CEZARIO, M. M. C. Construcionalização de um monte de sn: uma abordagem centrada no uso. *In: Percursos Linguísticos* (UFES), v. 7, p. 139-58, 2017.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. (Orgs.). **Funcionalismo e ensino de gramática**. Natal: EDUFRN, 2007.
- GEERAERTS, D. "Cognitive Linguistics". *In: J. VERSCHUEREN et al. (Eds.), Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. Serial Verbs and the Mental Reality of "Event": Grammatical vs. Cognitive Packaging. *In: TRAUOGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, v. 1, 1991, p. 81-127.
- GOLDBERG, A E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A E. Constructions: a new theoretical approach to language. *Trends in Cognitive Sciences*, vol. 7, n. 5, 2003, p. 219-224.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- HUDSON, R. Word Grammar. Geeraerts, D.; CUYCKENS, H. (Eds.). **Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**, 2007.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre, 2014.
- LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. **Cognitive Grammar**. A basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- LYONS, J. **Semantics I**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MARTELOTTA, M. E. T. **Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional**. Rio de Janeiro: UFRJ, p.229, 1996.
- MARTELLOTTA, M. E. Conceitos de gramática. *In: MARTELLOTTA, M. E. (Org.). Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.
- OLIVEIRA, M. R. Contexto: definição e fatores de análise. *In: OLIVEIRA, M. R. de.; ROSÁRIO, I. da C. do. (Org.). Linguística Centrada no Uso*. Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 22-35.
- OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. da C. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

SAUSURRE, Ferdinand de. **Course in General Linguistics**. 1916. Editado por Charles Bay e Albert Secheyne e traduzido por Roy Harris. 1983.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Eds.). **A Handbook of Historical Linguistics**. London: Blackwell, 2003.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of

language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: (REGINE, E.; GERHARD J. e TONJES, Y.) **Variation, Selection, Development Probing the Evolutionary Model of Language Change**. New York: Mouton de Gruyter, 2008a.

TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. Draft version, 2008b. (For Merja Kytö (Eds.) **English Corpus Linguistics: Crossing Paths**. Rodopi.)

TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, K., VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a, p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C. Toward a coherent account of Grammatical Constructionalization. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer. March 2nd, 2012.

TOMASELLO, M. **Constructing a language**. Boston: Harvard University Press, 2003.

VIDAL, R. M. B. **As construções com adverbiais em -mente: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna**. 187 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal, 2009.